

As construções reflexivas na língua na língua Tenetehára-Guajajára

Reflexive constructions in the Tenetehára-Guajajára language

Ana Claudia Menezes Araujo ¹

Universidade Estadual do Maranhão (Brasil)

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo examinar as construções reflexivas da língua Tenetehára-Guajajára, da família Tupi-Guarani. Identificou-se que nessa língua há dois tipos de reflexivas, a saber: (i) reflexivas marcadas pelo morfema {ze-}; (ii) reflexivas não marcadas morfologicamente. Neste estudo, adotou-se uma abordagem pautada na relação morfologia-sintaxe, com destaque para as teorias de Haspelmath (2019); Alexiadou, Anagnostopolou e Schäfer (2015) e Kratzer (2009). Os resultados das análises mostraram que: i) embora o prefixo {ze-} seja o marcador de voz reflexiva, alguns verbos reflexivos em Guajajára podem figurar sem a presença do referido morfema; ii) os predicados reflexivos não fazem nenhuma distinção de pessoa, número ou gênero, portanto, podem ser interpretados localmente sem que traços- $\bar{\sigma}$ sejam morfologicamente realizados no prefixo {ze-} em núcleo de Voice.

PALAVRAS-CHAVE:

Construções reflexivas. Língua Tenetehára-Guajajára. Morfologia. Sintaxe.

ABSTRACT

This article aims to examine the reflexive constructions of the Tenetehára-Guajajára language (Tupi-Guarani family). It was identified that in this language there are two types of reflexives, namely: (i) reflexives marked by the morpheme {ze-} and (ii) reflexives not morphologically marked. In this study, an approach based on the morphology-syntax interface was adopted, with emphasis on the theories of Haspelmath (2019), Alexiadou, Anagnostopolou and Schäfer (2015) and Kratzer (2009). The results of the analyzes showed that: i) although the prefix {ze-} is the reflexive voice marker, some reflexive verbs in Guajajára can appear without the presence of the aforementioned morpheme; ii) reflexive predicates do not make any distinction between person, number or gender, therefore, they can be interpreted locally without $\bar{\sigma}$ -features being morphologically realized in the prefix {ze-} in the Voice head.

KEYWORDS:

Reflective constructions. Tenetehára-Guajajára language. Morphology. Syntax.

Recebido em: 20/08-2024

Aceito em: 10/12/2024

¹ E-mail: claudia-ama@hotmail.com | ORCID: 0000-0003-2094-5637. Professora de Linguística do curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão Campus Santa Inês. Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente trabalha com pesquisas na área de morfossintaxe e variação linguística na Língua Tenetehára-Guajajára. Membro do projeto de pesquisa Descrição, Documentação e Revitalização de Línguas Indígenas Brasileiras, vinculado ao CNPq e coordenado pelo professor Fábio Bonfim Duarte, da UFMG.

1. Introdução

Neste artigo pretende-se examinar as construções reflexivas da língua Tenetehára-Guajajara, pertencente à família linguística Tupí-Guaraní e afiliada ao tronco Tupí. Conforme Rodrigues (1986), a língua Tenetehára possui dois dialetos, o Guajajara e o Tembé, os quais são falados em localidades distintas, quais sejam, nos estados do Maranhão (Guajajara) e do Pará (Tembé), respectivamente.

Contudo, nessa pesquisa, estudamos a língua Tenetehára falada pelo povo Guajajara, considerando as particularidades dessa variedade linguística. Todos os colaboradores da pesquisa são falantes indígenas bilíngues Tenetehára-Português, sexo masculino e feminino, da faixa etária entre 20 e 60 anos, moradores das Terras Indígenas Arariboia, no município de Amarante do Maranhão, e Rio Pindaré, em Bom Jardim, ambas no estado do Maranhão². É importante ressaltar que os dados linguísticos³ utilizados para essa investigação foram coletados em campo, no período entre 2019 e 2021, durante situações de interações diversas do cotidiano da comunidade indígena Guajajara, por meio de entrevistas sociolinguísticas, elicitación de sentenças e testes de aceitabilidade de algumas sentenças em Tenetehára-Guajajara, e via *WhatsApp*, entre 2022 e 2024. Para o registro do banco de dados, foram feitas anotações de campo e gravações em áudio e, em seguida, procedeu-se com a observação sistemática, transcrição das falas e análise das sentenças reflexivas.

De modo descritivo, mostraremos que a voz reflexiva na língua Tenetehára-Guajajara pode surgir a partir do instanciamento do morfema {ze-} anexado aos verbos transitivos, conforme podemos ver nos exemplos abaixo:

(1a)	<i>u-rekw-ahy</i>	<i>awa</i>	<i>miar</i>	<i>u-zemikar-haw</i>	<i>pe</i>
	3-ferir-INTS	homem	caça	3-caçar-NOM	POSP
	“O homem feriu a caça durante a caçada.”				

² Abreviaturas utilizadas neste trabalho: 1: primeira pessoa; 3: terceira pessoa; u: prefixo correferencial de 3ª pessoa; NOM: sufixo nominalizador; POSP: posposição; REFL: morfema de voz reflexiva; ASP: aspecto; SG: singular; PL: plural; REC: recíproco; GER: gerúndio; PAST: passado recente; CAUS: morfema causativo; INTS: intensificador; w: prefixo correferencial de 3ª pessoa; DP: determinante; Spec: especificador; COL: sufixo coletivo; PF: forma fonética; LF: forma lógica; FOC: foco; N: caso nuclear; Instr: instrumental.

³ Parte dos dados apresentados neste estudo foram coletados no período de doutoramento na UFMG e fazem compõem o compêndio analisado na tese de doutorado. Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos ao povo Guajajara das TIs Arariboia e Rio Pindaré que, gentilmente, colaboraram com o levantamento de dados linguísticos e muito contribuíram para a realização deste trabalho, e ao prof. Fábio Bonfim Duarte que, com suas orientações e gentil parceria, me encaminhou no campo da pesquisa com a língua Tenetehára-Guajajara.

- (1b) *u-ze-rekw-ahy* *awa* *u-zemikar-haw* *pe*
 3-REFL-ferir-INTS homem 3-caçar-NOM POSP
 “O homem se feriu durante caçada.”

No exemplo em (1a), o verbo transitivo *rekwahy* “ferir”, seleciona dois argumentos nucleares. Na sentença em (1b), o morfema {ze-}, classificado nos termos de Haspelmath (2019) como marcador de voz reflexiva, é adicionado ao verbo *rekwahy* “ferir”, gerando uma sentença reflexiva, e reduzindo o número de argumentos selecionados. O DP sujeito *awa* “homem” passa a praticar e sofrer a ação descrita pelo verbo.

Neste trabalho, mostraremos que os verbos transitivos, ao receberem o prefixo reflexivizador {ze-}, podem tornar as construções reflexivas. Além disso, apresentaremos também sentenças reflexivas na língua Tentehára-Guajajára nas quais os verbos não recebem tal morfema, como mostra o exemplo (2b) a seguir:

- (2a) *kuzà* *u-mu-pu'àm* *kwarer* *ywy* *wi* *a'e*
 mulher 3-CAUS-levantar criança chão POSP 3
 “A mulher levantou a criança do chão.”

- (2b) *kuzà* *u-pu'àm* *a'e*
 mulher 3-levantar 3
 “A mulher se levantou.”

Diferentemente do que ocorre com a sentença reflexiva em (1b), a construção mostrada em (2b) é classificada como reflexiva não marcada morfologicamente, por não apresentar o morfema reflexivizador {ze-} concatenado ao verbo transitivo *pu'àm* “levantar”. Tendo isso em conta, o objetivo central desse artigo é descrever os dois tipos de construções reflexivas identificadas na língua Tentehára-Guajajára.

O artigo está organizado em 3 seções. Na seção 2 apresentamos o conceito e a estrutura morfosintática de construções reflexivas de forma geral, demonstrando alguns tipos de reflexivizadores sob a perspectiva da tipologia proposta por Haspelmath (2019). Na seção 2.1 descrevemos as construções reflexivas na língua Tentehára-Guajajára. Por fim, na seção 3 apresentamos uma proposta teórica para as construções reflexivas em Tentehára-Guajajára, seguida das considerações finais.

2. Reflexivas

Segundo Haspelmath (2019, p. 1) “uma construção reflexiva é uma construção gramatical que só pode ser usada quando dois participantes de uma sentença são coreferenciais e que contém uma forma especial (um reflexivizador) que sinaliza essa coreferência”⁴. Geralmente ocorre na sentença o fato de que um participante objeto é coreferente com um participante sujeito. Vejam alguns exemplos:

(3) Maria se penteou.

(4) *Pierre se lave.*
“Pierre se lava.”

Nos dados em (3) e (4), a relação de coreferência é estabelecida por um pronome clítico reflexivo, qual seja, o “se”. Em (3), o pronome “se”, do português, faz coreferência com o sujeito “Maria”, enquanto no exemplo (4), do francês, a relação dá-se entre o participante objeto “se” e o participante sujeito “Pierre”, que têm o mesmo referente.

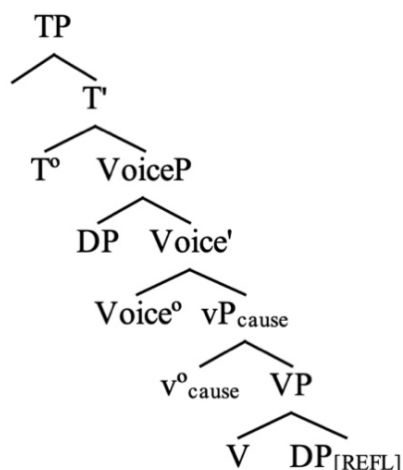
No que tange ao processo de derivação sintática de sentenças reflexivas, Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015) explicam que, em uma estrutura semanticamente reflexiva como no exemplo (4) do francês “*Pierre se lave*”, o DP em Spec-VoiceP, “Pierre”, deve se ligar ao SE-reflexivo sob uma relação de c-comando⁵ assimétrico. Segue a estrutura conforme a proposta de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015)⁶:

⁴ “A reflexive construction is a grammatical construction that can only be used when two participants of a clause are coreferential and that contains a special form (a reflexivizer) that signals this coreference” (Haspelmath, 2019, p. 1).

⁵ Na Sintaxe gerativa, a relação de c-comando define as interações estabelecidas entre os sintagmas dentro de uma sentença. Essa relação pode ser definida da seguinte maneira: α c-comanda β se e somente se β é o irmão de α ou se β é dominado pelo irmão de α . Contudo, se β é dominado pelo irmão de α , tem-se uma relação de c-comando assimétrico, pois α c-comanda β e β não c-comanda α . Para mais informações sobre a relação de c-comando, ver Miotto, Silva e Lopes (2018).

⁶ A árvore sintática delineada em (5) é uma adaptação da estrutura de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015, p. 111).

(5)



De acordo com esses autores, ocorre uma relação de *Agree*⁷ (Chomsky, 2001) entre o DP antecedente local e o reflexivo “se”. Nesse caso, Alexiadou, Anagnostopolou e Schäfer (2015) assumem que o SE-reflexivo inicia a derivação com um conjunto de traços- ϕ não valorados. Esses traços são valorados pelo antecedente por c-comando, um DP que possui traços- ϕ com características valoradas inerentemente. Dessa forma, o SE-reflexivo adquire uma denotação de objeto sintático (como uma variável vinculada) e a estrutura é sintática e semanticamente transitiva, pois envolve dois argumentos DPs com dois papéis temáticos diferentes.

Ainda sobre a estrutura em (5), proposta por Alexiadou, Anagnostopolou e Schäfer (2015), é consenso que uma operação *Agree* ocorra entre a sonda T° e o argumento externo que é gerado em Spec-Voice. O resultado é que esse argumento tem seu caso valorado como nominativo. Os autores assumem, então, que o SE-reflexivo recebe caso acusativo do núcleo Voice.

Em concordância com Schäfer (2007), as anáforas reflexivas são uma categoria de variáveis cujos traços- ϕ serão valorados durante a derivação sintática. Para exemplificar como se dá a respectiva derivação proposta por este teórico, tomemos o exemplo do alemão:

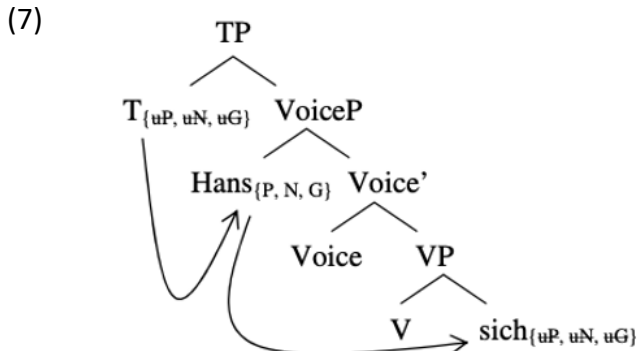
(6) *Hans mag sich*
John likes REFL

(Schäfer, 2007, p. 324)

Procedendo à derivação sintática de reflexivas do alemão, Schäfer (2007), levando em consideração o princípio A de ligação, explica que a anáfora precisa de um antecedente que o c-

⁷ Para mais detalhes a respeito do procedimento *Agree* entre SE-reflexivo e o antecedente, consultar Schäfer (2008), Chomsky (2001) e Alexiadou, Anagnostopolou e Schäfer (2015).

comande e valora os seus traços- ϕ . Assim, nessas estruturas, a variável se encontra localmente ligada na posição do argumento interno, conforme vemos na estrutura sintática apresentada a seguir:



De acordo com Schäfer (2007), nas sentenças reflexivas, a variável (nesse caso a anáfora *sich*) entra na derivação com traços- ϕ não-valorados. O DP sujeito atua como uma sonda e valora os traços da variável. A concordância será avaliada tanto na PF quanto em LF. Na PF, obtém-se a concordância verbal com o sujeito e a variável. Já em LF, a relação de concordância entre o sujeito e a variável é obrigatória e, uma vez que essa variável é ligada, esta denotará papel temático tema. Como vemos, o núcleo Voice nessa estrutura projeta o argumento externo, ou seja, o DP *Hans*.

Em termos descritivos, as construções reflexivas apresentam elementos reflexivizadores que indicam a impossibilidade de interpretação da referência separada. Haspelmath (2019) identifica três principais tipos de reflexivizadores, a saber: pronomes reflexivos (*reflexive pronoun*), marcadores de voz reflexiva (*reflexive voice marker*) e pronomes pessoais não reflexivos (*nonreflexive personal pronoun*). A seguir demonstramos alguns dados para exemplificar:

French

- (8) *Asma*₁ *parle* *d'* *elle-même*₁
 Asma talks of her-REFL
 "Asma talks about herself."

(Haspelmath, 2019)

Lithuanian

- (9) *aš* *prausi-uo-s*
 I wash-1SG-REFL
 "I wash (myself)."

(Haspelmath, 2019)

Malay

- (10) *Ahmat*₁ *tahu* [*Salmah*₂ *akan* *membeli* *baju* *untuk*
 Ahmat. know Salmah FUT buy clothes for

*dirinya*_{1/2}]

REFL.3SG

“Ahmat (M) knows that Salmah (F) will buy clothes for him/herself.”

(Haspelmath, 2019)

No exemplo do francês em (8), o sujeito Asma é correferente do pronome reflexivo (*reflexive pronoun*) *ele-même* “ela mesma”. Nos dados do lituano em (9), o sujeito de *prausi* “lavar” refere-se à mesma pessoa que o sufixo marcador de voz reflexiva {-s} representa. Já em (10), exemplo do malaio, o pronome *dirinya* que trata de um *nonreflexive personal pronoun*, pode ser correferencial com Salmah, que é sujeito de sua oração subordinada, ou com o sujeito da oração principal Ahmat.

Quanto à língua indígena Tenetehára-Guajajára, esta apresenta como reflexivizador o um prefixo marcador de voz reflexiva, tal como a língua lituana descrita por Haspelmath (2019), cujo exemplo está descrito em (9). Em Tenetehára-Guajajára, o morfema reflexivizador {ze-} é prefixado à raiz dos verbos transitivos reflexivizando-os.

É válido ressaltar que o fenômeno de reflexivização já foi investigado no âmbito de algumas línguas indígenas da família Tupi-Guarani, dentre as quais podemos citar o Kamaiurá (Seki, 2000) e o Araweté (Solano, 2009). O prefixo {je-}, do Kamaiurá, e o prefixo {j̄-}, do Araweté são afixados às raízes verbais transitivas dessas línguas, reduzindo a valência verbal e tornando-as intransitivas. Vejamos exemplos de sentenças reflexivas nessas duas línguas:

Kamaiurá

- (11) *kunu'um-a* *o-je-kytsi* *kye'i-a* *pupe*
 menino-N 3-REFL-cortar faca-N Instr
 “O menino se cortou com a faca.”

(Seki, 2000, p. 279)

Araweté

- (12) *tairuhu* *ku* *u-j̄-pa-iwũ*
 criança FOC 3-REFL-mão-furar
 “A criança se furou.mão.”

(Solano, 2009, p. 192)

No exemplo (11), da língua Kamaiurá, o prefixo {je-} é afixado ao verbo transitivo *kytsi* “cortar”, tornando-o intransitivo. Enquanto em (12), o morfema reflexivo {j̄-} é prefixado ao verbo

transitivo *iwũ* “furar” da língua Araweté, reduzido sua valência. Na seção seguinte descreveremos as construções reflexivas da língua Tenetehára-Guajajára, tendo em conta que esta língua apresenta sentenças reflexivas que são marcadas por um morfema de voz reflexiva {ze-} e sentenças não marcadas morfologicamente.

2.1 Reflexivas em Tenetehára-Guajajára

A voz reflexiva na língua Tenetehára-Guajajára se manifesta pela presença do morfema {ze-}⁸ agregado à raiz do verbo. De acordo com Castro (2007; 2017), o prefixo {ze-} afixa-se a verbos transitivos na referida língua, resultando na diminuição de valência verbal.

Nesse âmbito, em conformidade com Lazzarini-Cyrino (2015), os verbos reflexivos têm a base verbal transitiva. Todavia, embora tendo uma base verbal transitiva, reflexivas apresentam um argumento reduzido por não ser referencialmente independente, ou seja, é uma anáfora que ganha sua referência por estar ligada a um antecedente.

Adotando a classificação de Haspelmath (2019) para os dados da língua Tenetehára-Guajajára, podemos caracterizar o prefixo {ze-} como um marcador de voz reflexiva, ou seja, é um afixo verbal que indica a correferência de dois participantes de um verbo. O marcador reflexivo {ze-} indica, então, que o sujeito pratica e sofre a ação denotada pelo verbo, como podemos verificar nos exemplos a seguir:

(13a) *awa* *u-rekw-ahy* *kwarer* *kury*
 homem 3-machucar-INTS menino agora
 “O homem machucou o menino agora.”

(13b) *kwarer* *u-ze-rekw-ahy* *u-zemaraz* *pà*
 menino 3-REFL-machucar-INTS 3-brincar GER

tàpuz *hakykwepe*
 casa atrás de
 “O menino se machucou brincando no quintal.”

⁸ De acordo com Castro e Camargos (2018), o prefixo {ze-} da língua Tenetehára, além de codificar a função reflexiva, possui ainda a propriedade de indicar a voz recíproca. Os dados a seguir, coletados pelos autores, demonstram essa afirmação:

(1) *u-z(e)-àwàxi* *awa* *yrykaw* *ø-pe* *á'e* *wà*
 3-REC-encontrar homem rio C-em 3 PL
 “Os homens encontraram uns aos outros no rio.”

(2) *u-ze-zuwàn* *kwarer* *á'e* *wà*
 3-REC-abraçar menino 3 PL
 “Os meninos se abraçaram.”

Em (13a), vemos que o verbo transitivo *rekwahy*⁹ “machucar”, seleciona dois argumentos, o interno *kwarer* “menino” e o externo *awa* “homem”. Observa-se, no entanto, que nos dados em (13b), quando o prefixo reflexivo {ze-} é adicionado a esse verbo transitivo, ocorre a diminuição do número de argumentos selecionados pelo verbo.

A partir da análise dos dados coletados nessa pesquisa, verificou-se que, embora o prefixo {ze-} seja o marcador de voz reflexiva, alguns verbos reflexivos em Guajajára podem figurar sem a presença do referido morfema. Nesse sentido, assumiremos que há duas classes de verbos reflexivos nessa língua, a saber: (i) reflexivas marcadas pelo morfema {ze-} e (ii) reflexivas não marcadas morfologicamente.

A seguir arrolamos um conjunto de dados agrupando as duas supracitadas classes de sentenças reflexivas identificadas na língua Tenetehára-Guajajára. A fim de demonstrar a reflexivização de cada verbo listado, apresentamos o par de sentenças formado pela estrutura transitiva, seguida da respectiva reflexiva, conforme se vê abaixo:

Transitivas e reflexivas marcadas morfologicamente

(14a) *Maria u-mu-katu kuzàtài-gwer wyrà'uhaw pe*
 Maria 3-CAUS-arrumar menina-COL festa moqueado POSP
o-ho ma'e a'e wà
 3-ir coisa 3 PL
 “Maria arrumou as meninas para irem à festa do moqueado.”

(14b) *kuzàtài-gwer u-ze-mu-katu wyrà'uhaw pe*
 menina-COL 3-REFL-CAUS-arrumar festa do moqueado POSP
o-ho-haw rehe a'e wà
 3-ir-NOM POSP 3 PL
 “As meninas se arrumaram para a ida à festa do moqueado.”

(15a) *João u-mu-tyk kyhaw a'e*
 João 3-CAUS-esticar rede 3
 “João esticou a rede.”

(15b) *João u-ze-mu-tyk kyhaw pe zi'itahy a'e*
 João 3-REFL-CAUS-esticar rede POSP cedo-INTS 3
 “João se esticou na rede cedo/de manhã.”

⁹ Nos exemplos em (1) traduzimos o verbo *rekwahy* como “ferir”. Entretanto, seguimos a tradução do mesmo verbo *rekwahy* como “machucar” em (8), seguindo as orientações do falante Guajajára, de acordo com o contexto de uso na língua materna.

- (16a) *Joana u-m-àkym uaw a'e*
Joana 3-CAUS-molhar cabelo 3
“Joana molhou o cabelo.”
- (16b) *Joana u-ze-m-àkym a'e*
Joana 3-REFL-CAUS-molhar 3
“Joana se molhou.”
- (17a) *Maria u-mu-pinim kuzàtài-gwer wyrà'uhaw pe*
Maria 3-CAUS-pintar menina-COL festa moqueado POSP
o-ho ma'e a'e wà
3-ir coisa 3 PL
“Maria pintou as meninas para irem à festa do moqueado.”
- (17b) *u-ze-mu-pinim kuzàtài wyrà'uhaw pe o-ho*
3-REFL-CAUS-pintar menina festa moqueado POSP 3-ir

mehe a'e
quando 3
“A menina se pintou quando foi para a festa do moqueado.”
- (18a) *Kuzà u-hez kuzàtài a'e*
mulher 3-lavar menina 3
“A mulher lavou a menina.”
- (18b) *u-ze-hez kuzàtài a'e*
3-lavar menina 3
“A menina se lavou.”

Transitivas e reflexivas não marcadas morfologicamente

- (19a) *Maria u-mu-aw kwarer u-mono kyhaw pe*
Maria 3-CAUS-deitar criança 3-colocar rede POSP
“Maria deitou a criança na rede.”
- (19b) *Maria u-aw o-ho ku'em etea'i*
Maria 3-deitar 3-ir manhã quase

mehe a'e
quando 3
“Maria se deitou quando era de madrugada.”
- (20a) *Maria u-mu-zahak kwarer a'e*
Maria 3-CAUS-banhar menino 3
“Maria banhou o menino.”

- (20b) *kwarer* *u-zahak* *zi'it-ahy*
 menino 3-banhar cedo-INTS
 “O menino se banhou cedo/de manhã.”
- (21a) *awa* *u-m-apyk* *kuzàtài* *u-mono* *ywy* *pe*
 homem 3-CAUS-sentar menina 3-colocar chão POSP
 “O homem sentou a menina no chão.”
- (21b) *w-apyk* *ywy* *rehe* *a'e*
 3-sentar chão POSP 3
 “O homem se sentou no chão.”
- (22a) *Ana* *u-mu-pu'àm* *kuzàtài* *kyhaw* *wi* *a'e*
 Ana 3-CAUS-levantar menina rede POSP 3
 “Ana levantou a menina da rede.”
- (22b) *Ana* *u-pu'àm* *ku'em* *etea'i* *mehe* *kyhaw*
 Ana 3-levantar manhã quase quando rede
 “Ana se levantou da rede quando era de madrugada.”
- (23a) *Joana* *u-me'e* *u-hy* *rehe* *a'e*
 Joana 3-olhar R-mãe POSP 3
 “Joana olhou sua mãe.”
- (23b) *Joana* *u-me'e* *waruwa* *rehe*
 Joana 3-olhar espelho POSP
 “Joana se olhou no espelho.”

No primeiro grupo de sentenças reflexivas (exemplos 14b, 15b, 16b, 17b e 18b), os verbos *katu* “arrumar”, *tyk* “esticar”, *àkym* “molhar”, *pinim* “pintar” e *hez* “lavar” ocorrem obrigatoriamente com o marcador de voz reflexiva {ze-} prefixado a cada raiz. Quanto ao segundo grupo (exemplos 19b, 20b, 21b, 22b e 23b), observa-se que os verbos *aw* “deitar”, *zahak* “banhar”, *apyk* “sentar”, *pu'àm* “levantar” e *me'e* “olhar” não ocorrem com a marca reflexivizadora, confirmando que há, de fato, dois tipos de sentenças reflexivas em Guajajára.

É importante ressaltar que os verbos reflexivizados, marcados ou não pelo morfema reflexivo {ze-}, na língua Tenetehára-Guajajára são transitivos. Alguns desses verbos são, na referida língua, estruturalmente transitivos (*katu* “arrumar”, *tyk* “esticar”, *àkym* “molhar”, *pinim* “pintar”, *hez* “lavar” e *me'e* “olhar”), que recebem dois argumentos, e outros são intransitivos inergativos (*aw* “deitar”, *zahak* “banhar”, *apyk* “sentar” e *pu'àm* “levantar”), ou seja, selecionam apenas um argumento com papel temático de agente. Todavia, esses verbos inergativos são

transitivizados por meio do morfema causativo {*mu-*}, cuja função é aumentar a valência dos verbos intransitivos por causativização direta, seguindo proposta de Camargos (2013), e posteriormente, sofrem o processo de reflexivização, em que o sujeito da sentença passa a praticar e sofrer a ação expressa pelo verbo. Com essa análise, confirma-se que na língua Tenetehára-Guajajara são os verbos em sua forma transitiva que ocorrem na voz reflexiva.

Outra propriedade do morfema reflexivo {*ze-*} em Tenetehára-Guajajara é a possibilidade que essa marca reflexivizadora tem de ocorrer em diferentes contextos, sem fazer distinção de gênero ou número. Nesse caso, {*ze-*} ocorre nos contextos reflexivos a saber: 1ª pessoa do singular; 1ª pessoa do plural; 3ª pessoa do singular. Vejam alguns exemplos:

- (24a) *a-ze-apy* *tata* *hupi* *ihe*
 1SG-REFL-queimar fogo POSP 1SG
 “Eu me queimei no fogo.”
- (24b) *Maria* *u-ze-apy* *tata* *rehe* *a’e*
 Maria 3-REFL-queimar fogo POSP 3
 “Maria se queimou no fogo.”
- (24c) *uru-ze-apy* *tata* *pupe* *kury*
 1PL-REFL-queimar fogo PSP agora
 “Nós nos queimamos no fogo agora.”
- (25a) *a-ze-kyxi* *takyhe* *puku* *pupe* *ihe*
 1SG-REFL-cortar faca comprido com eu
 “Eu me cortei com um facão.”
- (25b) *João* *u-ze-kyxi* *takyhe* *puku* *pupe* *a’e*
 João 3-REFL-cortar faca comprido com 3
 “João se cortou com o facão.”
- (25c) *ure* *mokoz-har* *rupi* *uru-ze-kyxi*
 nós duas-NOM POSP 1PL-REFL-cortar
- takyhe* *puku* *pupe*
 faca comprido POSP
 “Nós duas nos cortamos com o facão.”

Observa-se nos dados em (24) e (25) que o marcador de voz reflexiva {*ze-*} é invariável quanto à pessoa, número e gênero, pois figura em sentenças que ocorrem com: 1) sujeito na 1ª pessoa do singular: em (24a) *azeapy tata hupi ihe* “Eu me queimei no fogo” e (25a) *azekyxi takyhe*

puku pupe ihe “Eu me cortei com um facão”; 2) sujeito na 1ª pessoa do plural: em (24c) *uruzeapy tata pupe kury* “Nós nos queimamos no fogo agora” e (25c) *ure mokozhar rupi uruzekyxi takyhe puku pupe* “Nós duas nos cortamos com o facão”; e 3) sujeito na 3ª pessoa do singular: em (24b) *Maria uzeapy tata rehe a’e* “Maria se queimou no fogo” e (25b) *João uzekyxi takyhe puku pupe a’e* “João se cortou com o facão”. Tais realizações do morfema {ze-} nessas diferentes sentenças demonstram, portanto, que nessa língua, o marcador de voz reflexiva não precisa concordar em traços- ϕ com o argumento externo.

De acordo com Kratzer (2009), diferentemente do que acontece com as anáforas reflexivas de sentenças do alemão descritas por Schäfer (2007), em línguas como o russo, os pronomes reflexivos não fazem nenhuma distinção de pessoa, número ou gênero. Nesse caso, a língua não tem traços- ϕ disponíveis para o núcleo Voice e somente um traço reflexivo é transmitido aos traços- ϕ do DP que é gerado na posição de complemento do verbo. Observem os exemplos do russo estudados por Lazzarini-Cyrino (2015), a seguir:

(26a) *Ja umyl-sja.*
eu lavar-REFL
“Eu me lavei.”

(26b) *On umyl-sja.*
ele lavar-REFL
“Ele se lavou.”

(27a) *Ja prosnul-sja.*
eu acordar-REFL
“Eu acordei.”

(27b) *On prosnul-sja.*
ele acordar-REFL
“Ele acordou.”

(Lazzarini-Cyrino, 2015, p. 110)

O russo apresenta como marca de voz reflexiva o afixo {-sja}¹⁰, que constitui uma forma invariável no que diz respeito a traços de pessoa e número para os verbos *umyl* “lavar” e *prosnul* “acordar” na 1ª e 3ª pessoas do singular, como visto nos dados de Lazzarini-Cyrino (2015) em (26) e (27). Situação muito semelhante acontece com línguas da família Tupi-Guarani, como por exemplo, o Kamaiurá (Seki, 2000) e a língua Tenetehára-Guajajára, cujos dados em (24) e (25)

¹⁰ O russo apresenta duas formas reflexivas, a saber: i) uma anáfora reflexiva afixal {-sj(a)} e uma forma morfológicamente independente {sebja}. Para mais informações ver Lazzarini-Cyrino (2015).

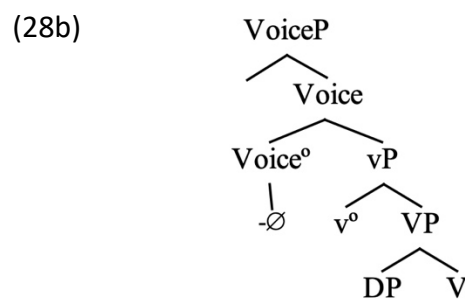
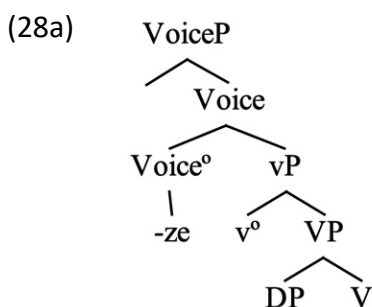
demonstram isso, ou seja, os predicados reflexivos não fazem nenhuma distinção de pessoa, número ou gênero. Assim, em conformidade com Kratzer (2009), verbos que se encontram nesse grupo sempre podem ser interpretados localmente sem que traços- ϕ sejam morfológicamente realizados no prefixo {ze-}. Tudo o que o complemento do verbo precisa receber nesses casos é o traço de assinatura reflexiva, a qual é indicada pela presença do prefixo {ze-} que se realiza de uma forma invariável sem distinção de traços- ϕ .

Os traços- ϕ são tipicamente associados ao núcleo Voice, de acordo com o que se vê na teoria de Kratzer (2009). Esse núcleo é responsável por introduzir o argumento externo e, quando possui traços- ϕ , concorda com o sujeito em termos de pessoa, número e gênero. No caso do Tenetehára-Guajajára, o núcleo Voice parece não ter esses traços- ϕ , apresentando apenas a assinatura de reflexividade. Considerando que a forma reflexivizadora em Guajajára será sempre o morfema {ze-}, salvo quando os verbos não apresentam nenhuma marca (\emptyset), assumimos que o núcleo Voice não possui traços- ϕ , mas somente a assinatura de reflexividade, seguindo a teoria proposta por Kratzer (2009).

Na próxima seção, apresentamos uma breve proposta teórica sobre as construções reflexivas da língua Tenetehára-Guajajára, considerando os dois grupos de sentenças encontradas na referida língua.

3. Proposta teórica

Conforme demonstrado na seção anterior, a língua Tenetehára-Guajajára apresenta construções reflexivas de dois tipos, quais sejam: i) sentenças cujo verbo vem marcado pelo morfema de voz reflexiva {ze-}; ii) sentenças que não possuem nenhuma marca morfológica. Assim, com base na análise dos dados coletados, propomos as duas estruturas sintáticas abstratas abaixo para representar as sentenças reflexivas na referida língua:

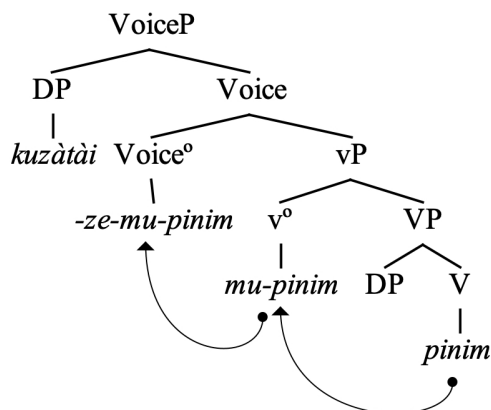


Em (28a) temos a estrutura sintática que representa as sentenças reflexivas marcadas pelo morfema de voz reflexiva {ze-}, enquanto em (28b) está a representação das sentenças reflexivas que figuram na língua sem nenhum marcador de voz reflexiva. Observe o exemplo da língua Guajajára descrito em (29) para sequente compreensão de como se dá a derivação sintática das sentenças reflexivas marcadas morfologicamente:

- (29) *u-ze-mu-pinim* *kuzàtài* *a'e*
 3-REFL-CAUS-pintar menina 3
 “A menina se pintou.”

Em (29) vê-se uma construção reflexiva do tipo marcada morfologicamente pelo morfema {ze-}. O procedimento de derivação sintática dessa sentença reflexiva será representado em (30) a seguir:

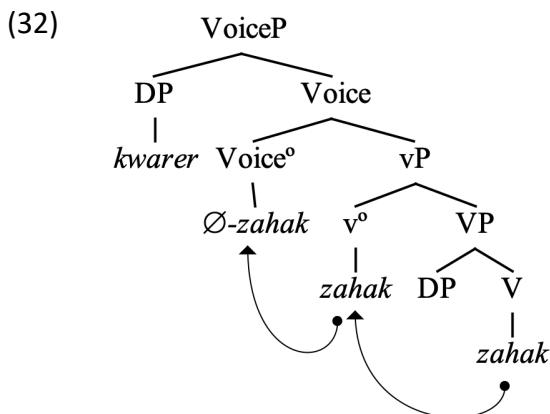
(30)



Como vemos, a estrutura em (30) mostra o procedimento de derivação sintática de uma reflexiva marcada. Ao verbo *pinim* “pintar” está agregado o prefixo reflexivizador {ze-} instanciado no núcleo de VoiceP. Este núcleo projeta um especificador ao qual se concatena o argumento externo *kuzàtài* “menina”. Nessa construção, o morfema reflexivo modifica a natureza morfossintática do argumento externo introduzido por VoiceP, o qual pratica e sofre a ação. Assim, o prefixo {ze-} na sentença em análise nos coloca em condições de postular que o núcleo Voice em reflexivas projeta um argumento externo. O referido morfema é a realização do núcleo Voice, conforme mostrou a estrutura em (30). A seguir temos um exemplo de construção reflexiva sem marcação morfológica:

- (31) *kwarer* *u-zahak* *a'e*
 menino 3-banhar
 “O menino se banhou.”

Para compreendermos como se dá a derivação sintática da construção reflexiva sem marcação morfológica da língua Tenetehára-Guajajára apresentada em (31) demonstramos a estrutura arbórea em (32):



Em (32), temos a derivação sintática de uma sentença reflexiva que não apresenta a marca morfológica {ze-} anexada ao verbo, qual seja, o verbo *zahak* “banhar”. Comparando as configurações arbóreas em (30) e (32), fica claro que o morfema de voz reflexiva {ze-} em (30) é a instanciação do núcleo de Voice em reflexivas. Em (32), por sua vez, a voz reflexiva não é realizada morfológicamente por meio do prefixo {ze-} no núcleo de Voice, permanecendo \emptyset . Nesse caso, observamos que a marcação do morfema reflexivo {ze-} no verbo *pinim* “pintar” e a não marcação morfológica no verbo *zahak* “banhar” são as manifestações das estruturas sintáticas propostas para as sentenças reflexivas da língua Guajajára no início dessa seção, delineadas em (28a e b).

Ao analisar essas construções reflexivas, assumimos que o Tenetehára-Guajajára não possui traços- ϕ disponíveis para *v*, seja em sentenças marcadas por {ze-} ou não marcadas morfológicamente, durante a derivação, independentemente do DP que esteja na posição do argumento externo. Assim sendo, o morfema {ze-} não constitui o *spell-out* de um traço- ϕ , mas apenas a assinatura da reflexividade, em conformidade com a ideia de Kratzer (2009).

Diante do que foi observado, parece não haver uma diferença significativa entre reflexivas marcadas e não marcadas morfológicamente no Tenetehára-Guajajára. A forte evidência a favor dessa análise advém do fato de que a marcação morfológica do reflexivizador {ze-} não se mostra suficiente para distinguir semanticamente dois tipos de sentenças.

4. Considerações finais

Este artigo apresentou a descrição e a análise das construções reflexivas em Tenetehára-Guajajara. Identificamos dois tipos de reflexivas na língua, a saber: reflexivas marcadas por morfologia afixada ao verbo e reflexivas não marcadas morfologicamente.

As análises mostraram que: i) o morfema {ze-} é a forma reflexivizadora em Tenetehára-Guajajara, porém, alguns verbos não apresentam nenhuma marca morfológica, ou seja, são (\emptyset) na posição de núcleo de VoiceP; ii) os predicados reflexivos não fazem nenhuma distinção de pessoa, número ou gênero, portanto, podem ser interpretados localmente sem que traços- ϕ sejam morfologicamente realizados no prefixo {ze-} em núcleo de VoiceP. Assumimos, nesse caso, que o núcleo Voice não possui traços- ϕ , mas somente a assinatura de reflexividade, seguindo a teoria proposta por Kratzer (2009). Por fim, as análises nos mostraram também que parece não haver uma diferença significativa entre reflexivas marcadas e não marcadas morfologicamente por {ze-} na língua Tenetehára-Guajajara.

Referências

- ALEXIADOU, A., ANAGNOSTOPOULOU, E.; SCHÄFER, F. External Arguments in Transitivity Alternations: A Layering Approach. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- ARAUJO, A. C. M. Anticausativas em Tenetehára-Guajajara: uma análise formal. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.
- CAMARGOS, Q. F. Estruturas causativas em Tenetehára: uma abordagem minimalista. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- CASTRO, R. C.; CAMARGOS, Q. F. Estruturas causativas, reflexivas, recíprocas e anticausativas na língua Tenetehára-Guajajara (família Tupí-Guaraní), Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas, v. 60 n. 3 p. 1-22 - set./dez. 2018.
- CASTRO, R. C. Morfossintaxe Tenetehára (Tupí-Guaraní). Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- CASTRO, R. C. Interface morfologia e sintaxe em Tenetehára. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- CHOMSKY, N. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, M. (Org.). Ken Hale: a life in language. Cambridge: MIT Press, 2001. p. 1-52.
- DUARTE, F. B. Estudos de Morfossintaxe Tenetehára. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007.
- HASPELMATH, M. Comparing reflexives constructions in the world's languages. MPI-SHH Jena & Leipzig university. June, 2019.

KRATZER, A. Making a Pronoun: Fake Indexicals as Windows into the Properties of Pronouns. The MIT Press, vol 40, n 2, 2009.

LAZZARINI-CYRINO, J. P. O sincretismo passivo-reflexivo: um estudo translinguístico. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. Novo Manual de Sintaxe. São Paulo: Contexto, 2018.

RODRIGUES, A. D. Línguas brasileiras: para conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.

SCHÄFER, F. The syntax of (anti-)causatives: external arguments in change-of-state contexts. Philadelphia: John Benjamins B.V., 2008.

SCHÄFER, F. On the nature of anticausative morphology: External arguments in change-of-states contexts. Tese (Doutorado em Linguística). Institut für Linguistik/Anglistik der Universität Stuttgart, 2007.

SEKI, L. Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu. Campinas-SP: Editora da Unicamp / São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

SILVA, T. F. História da língua Tenetehára: contribuição aos estudos histórico-comparativos sobre a diversificação da família Tupí-Guaraní do tronco Tupí. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2010.

SOLANO, E. J. B. Descrição gramatical da língua Araweté. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2009.
